

A NATUREZA NACIONAL DA HISTÓRIA RUSSA

D. S. Likhachev

Tradução do inglês: Cláudia Moraes

RESUMO

Tomando por base principalmente a literatura, o autor discute os mitos da história e os paradoxos da cultura russa: entre o Oriente e o Ocidente, o passado e o futuro, a liberdade e a opressão. Para ele, a cultura exprime os ideais mais altos de um povo e não deve ser confundida com o Estado ou a civilização. No caso da Rússia, sua cultura multinacional ter-lhe-ia conferido a missão histórica de servir de ligação entre o Oriente e o Ocidente.

SUMMARY

Focusing on literature, the author discusses the myths of Russian history and the paradoxes of Russian Culture: between East and West, past and future, freedom and oppression. In his view, Culture expresses the highest ideals of a people and cannot be confused with either State or civilization. In Russia's case, the multinational character of its culture would have determined its historical mission as a link between East and West.

Difícilmente haverá outro país no mundo cuja história, como a nossa, tenha sido cercada de tantos e tão variados mitos. Nem outro povo que tenha sido encarado tão diversamente quanto os russos.

Há muitas razões para isso. Uma delas, que Nikolai Berdyaev apontou reiteradamente, é a polarização do caráter russo, sua estranha combinação de qualidades diametralmente opostas: bondade e crueldade, delicadeza e rudeza, livre-pensamento e despotismo, auto-humilhação e arrogância ou chauvinismo, e assim por diante.

Outra razão, acredito, são as teorias e ideologias através das quais interpretamos nosso presente e passado. Para citar apenas um exemplo: as reformas de Pedro o Grande. Com a sua implementação, criou-se uma idéia totalmente distorcida do passado da Rússia. No processo, uma relação mais estreita com a Europa deu origem ao mito do isolamento anterior da Rússia. A idéia de uma Rússia inerte e estagnada foi feita para servir à meta de um avanço rápido. Uma nova cultura significava um termo à unificação do velho. Como aconteceu freqüentemente com a Rússia, considerava-se que um golpe esmagador do velho era um estímulo necessário para o novo. Com efeito, Pedro I difamou e descartou todo o período do século XVII da história

Este texto reproduz a conferência (e os debates que a ela se seguiram) realizada por ocasião da "The 2^o Annual W. Averrel Harriman Lecture", em 13 de novembro de 1990. Agradecemos ao W. Averrel Harriman Institute for Advanced Study of the Soviet Union, da Columbia University, pela autorização para publicá-la.

rusa, criando assim um mito da Rússia, bem como de si mesmo. A propósito, Pedro I foi um verdadeiro representante do século XVII russo, do barroco russo, um homem que personificou as idéias pedagógicas de Simeon Polotsky, o poeta da corte de seu pai Alexei Mikhailovich.

O mito do povo russo e sua história criado por Pedro I teve uma duração sem precedentes. Nossa história mais recente também produziu amostras de mitos oficiais duradouros. Um destes, supostamente necessário ao Estado socialista, é o mito do atraso da Rússia pré-revolucionária. (Lembrem-se da frase famosa, usada freqüentemente em discursos ufanistas do final dos anos 70: "A Rússia transformou-se de um país analfabeto em um avançado". O presidente da Academia de Ciências da URSS, Alexandrov, começava freqüentemente seus discursos anuais em Moscou com essa frase.) Entretanto, o estudo acadêmico pré-revolucionário de Sobolevsky, de assinaturas em muitos documentos oficiais, revela um alto grau de alfabetização do século XIV até o XVII. Isso também é confirmado pelo grande número de registros em casca de bétula encontrados em Novgorod. Nos séculos XIX e XX todos os velhos crentes eram registrados como analfabetos, apenas porque se recusavam a ler livros recém-impressos. É verdade que na Rússia do século XVII não havia estabelecimentos educacionais superiores, o que talvez seja devido ao tipo específico de cultura da antiga Rus [o termo "Rus" refere-se à Rússia dos primeiros séculos, é o núcleo que deu origem a esta a partir da região de Kiev].

Existe também a noção, comum tanto no Ocidente como no Oriente, de que a Rússia nunca conheceu o parlamentarismo. A Duma estatal do século XX foi, com efeito, uma experiência desse tipo sem precedentes — e de curta duração. Contudo, a tradição das assembleias deliberativas pré-Pedro I tem raízes profundas. Não estou me referindo aqui às assembleias populares (*veche*). Na Rus pré-tártaro-mongol, um príncipe começava seu dia conferenciando com seus boiardos e guardas pessoais. Conferências regulares com a gente da cidade, abades e o clero assentavam as fundações para um *zemsky sobor* regularmente convocado e representativo, em essência um parlamento. O qual mantinha relatos escritos e promulgava decretos. Mesmo Ivã o Terrível, apesar da crueldade com que lidava com o povo, não ousou abolir oficialmente o velho costume de conferenciar com "a terra toda", e manteve uma aparência de governar o país do modo tradicional. Foi apenas com Pedro I e suas reformas que as antigas conferências representativas russas e as assembleias populares acabaram-se. As atividades sociais e políticas só foram retomadas na Rússia no final do século XIX. Mas, por estranho que pareça, as tradições parlamentares reviveram; não haviam sido esquecidas durante todo o tempo desde Pedro o Grande.

É surpreendente que, por causa da influência ocidental, tenham desaparecido a opinião popular e o acordo popular na Rus — sem que ninguém notasse.

Não há necessidade de mencionar outros preconceitos existentes na Rússia, ou sobre ela. Eu me detive intencionalmente em algumas noções que colocam a história russa sob uma luz desafortunada.

Quando se compila a história de uma literatura ou de uma arte nacional, mesmo em um catálogo de museu, tendemos a enfatizar o melhor e não o pior, centrando nossa atenção nos homens de gênio e suas obras-primas. Este é um princípio muito importante e incontestável. Quando se trata da literatura russa, não podemos passar sem Dostoievski, Pushkin e Tolstoi, mas seguramente podemos dispensar Markevich, Leikin, Artibashev, Potapenko e semelhantes.

Portanto, não tomem como bravata ou nacionalismo se eu falar do melhor da cultura russa, deixando de lado os fenômenos sem valor ou negativos. Com efeito, qualquer cultura só tem um lugar elevado entre outras pelo que tem de grandioso.

De acordo com isso, julgamos a Itália a partir de suas realizações no campo da pintura, escultura, arquitetura, vida espiritual, e não a partir de matérias menos elevadas. Gostaria de chamar a atenção dos senhores para o fato de que o mal é sempre e em toda parte o mesmo, enquanto o bem é variado, individual. Portanto, para entender alguma coisa de uma cultura estrangeira, deve-se focalizar a atenção na grandeza dessa cultura, nas suas realizações e não no que ela se afasta dessas alturas.

Contida dentro dos numerosos mitos e lendas a respeito da história russa está uma questão sempre fascinante: a Rússia pertence ao Oriente ou ao Ocidente?

Correntemente, a visão aceita no Ocidente é que a Rússia é um país oriental. Mas então precisamos perguntar: o que é "o Oriente"? O que é "o Ocidente"? Podemos falar com um certo grau de certeza de "o Ocidente" e sua cultura. Mas quanto ao Oriente e o tipo oriental de cultura, sua essência parece obscura.

Há quaisquer fronteiras no mapa entre o Oriente e o Ocidente?

Há alguma diferença entre os russos de Petersburgo e os de Vladivostok? (O próprio nome desta última cidade contém uma alusão ao Oriente na palavra *vostok*, "Leste"; *vlad* significa "governante". Vladivostok é portanto "governante do Leste".)

É igualmente impreciso se as culturas da Armênia e da Geórgia são orientais ou ocidentais; a minha impressão pessoal é que são ocidentais.

Não creio que será necessário responder a essas questões se atentarmos para um fato particularmente importante a respeito da Rússia, o de que ela ocupa grandes extensões e é habitada por numerosos povos de tipos tanto ocidentais como orientais. Desde tempos imemoriais o problema dos vizinhos teve um grande papel na história de três povos aparentados, os russos, os ucranianos e os bielo-russos. É de se notar que as primeiras crônicas do século XI, *Povest Vremennikh Let*, começam com a descrição dos vizinhos da Rússia e dos rios que ligavam estes povos à Rus. Ao norte estavam os povos escandinavos, os varagianos, incluindo os que acabaram se tornando dinamarqueses, suecos, noruegueses e anglos. Ao sul, os principais vizinhos eram gregos, que viviam não só na Grécia propriamente mas também nas fronteiras da Rus, na costa norte do mar Negro. Havia tribos khazar, cujos membros incluíam cristãos, judeus e muçulmanos.

Os búlgaros do sudoeste serviram como intermediários da adoção pela Rus da cultura e da língua escrita cristã ortodoxa (o alfabeto cirílico).

Mantinhm-se contatos próximos com os povos fino-úgricos e com as tribos lituanas (zmerdianos, prussianos, iatviagianos e outros) que habitavam a vasta área a oeste e noroeste. Muitos eram parte da Rus e partilhavam sua vida política e cultural. Sabe-se que em casos de necessidade eles chegaram a convocar príncipes russos em seu auxílio; também juntaram-se à Rus em ataques a Constantinopla. Há muitas evidências da coexistência pacífica de numerosos outros povos — os chudin, mari, ves, yem, izhora, mordvinianos, cheremiss, komi-zyryanos, e outros — com o seu vizinho maior. O nome dos chudianos pode ser seguido até Novgorod, que tinha um distrito com o nome de "Chudskaya". (Havia também lá uma rua Chudintseva, e um "Chudin dvor" em Kiev, certamente uma hospedaria de mercadores.) Outro testemunho dos laços estreitos entre a população eslava e seus vizinhos imediatos é encontrado nos antigos registros finlandeses escavados por arqueólogos em Novgorod.

O Estado da Rus foi multinacional desde o começo. E também o foram os seus arredores.

Pode-se observar a notável tendência dos governantes russos de fundar suas capitais o mais próximo possível das fronteiras do país. Dessa forma, Kiev e Novgorod surgiram junto ao que era uma importante via fluvial européia do século IX ao XI, a via "dos varagianos até os gregos", que ligava a Europa setentrional e meridional. As cidades de Polotsk, Chernigov, Smolensk e Vladímir também foram fundadas nas margens de rios europeus importantes comercialmente.

Mais tarde, no período pós-tártaro-mongol, quando surgiu a perspectiva de comércio com a Inglaterra, Ivã o Terrível tentou mudar sua capital para Vologda, mais perto da nova via fluvial (e portanto do mar). Seu plano, porém, não se concretizou.

Conta-se que em Vologda, durante uma cerimônia religiosa, um tijolo caiu de um telhado em cima da perna de Ivã o Terrível. Ele tomou isso como um sinal de que não deveria permanecer ali e então deixou a cidade. Foi por essa razão que seu plano de mudar a capital da Rússia de Moscou para lá nunca se realizou. O lugar onde Ivã o Terrível estava na catedral de Vologda quando o tijolo caiu foi preservado até hoje.

Seguindo essa velha tradição, Pedro o Grande, enquanto a guerra russo-sueca ainda fervia, fez construir sua capital na costa do Báltico, a fronteira mais perigosa.

À luz do milênio da história russa, é possível falar da "missão histórica" da Rússia. Não há nada de místico nessa expressão; a missão da Rússia foi determinada pela sua posição entre outras nações, grandes e pequenas — cerca de trezentas delas — que requereram proteção. A Rússia serviu como uma grande "ponte", principalmente cultural, para esses povos. Daí o caráter multinacional da sua cultura. É preciso ressaltar que esse tipo de situação, embora facilite contatos, pode acarretar, e algumas vezes realmente acarreta, inimizade e abuso do poder estatal.

Apesar de a cultura e a mentalidade do povo russo parecerem alheias a atos de agressão tais como a divisão da Polônia e a anexação da Ásia central, esses atos foram realizados pelo Estado em nome do povo. Além disso, os executores dos crimes mais recentes contra algumas minorias nacionais em nosso país usaram de fato o povo russo como capa — um povo cujos próprios sofrimentos podem ter excedido os de qualquer outro.

É praticamente certo que no curso da sua história a cultura russa nunca foi culpada de nacionalismo desumano. Aceita-se geralmente que "cultura" significa o melhor que há num povo. E mesmo o filósofo conservador Konstantin Leontiev orgulhava-se por a Rússia ser tão multinacional, e observava as características nacionais dos vários povos com respeito e afeição.

A propósito, o florescimento da cultura russa nos séculos XVIII e XIX beneficiou-se dos esforços de pessoas de muitas nacionalidades, em Moscou e especialmente em Petersburgo, onde desde o começo a população era multinacional. A avenida Nevsky, a principal rua de Petersburgo, foi o ponto focal da tolerância religiosa. Lá, igrejas ortodoxas russas eram ladeadas por igrejas luteranas, católicas e armênias. As igrejas finlandesa, sueca e francesa ficavam nas proximidades. Poucos sabem que foi em Petersburgo no século XX que se construiu o maior e mais rico templo budista da Europa. A cidade também tem uma mesquita magnífica.

O grande rio Volga da Rússia juntou tártaros, maris, udmurtes, tver-karelianos, alemães, russos e outros povos. Nijni Novgorod era conhecida por suas feiras, para onde mercadores do Leste, Oeste e Sul vinham para estabelecer contratos.

Que o país com a mais humana e universal das culturas, com todas as razões para servir de elo entre a Europa e a Ásia, tenha sido ao mesmo tempo um dos mais cruéis opressores de outras nacionalidades — em primeiro lugar do seu próprio povo russo — é um dos mais trágicos paradoxos históricos. Em grande parte, foi o resultado de um longo confronto entre povo e Estado. E, além disso, da polarização do caráter russo, com sua ânsia tanto de liberdade como de poder.

Os cossacos são um bom exemplo; eles surgiram como lutadores amantes da liberdade contra os inimigos do povo, mas acabaram tornando-se a coluna central de apoio de um regime que oprimia outros povos.

A polarização do caráter russo não implica contudo a polarização da cultura russa. O bem e o mal não estão uniformemente equilibrados na cultura. O bem sempre prevalece. A cultura só se baseia no bem, não no mal. Ela encarna o que há de melhor num povo. Não se deve confundir cultura e Estado, ou cultura e civilização.

Uma característica importante pode ser acompanhada ao longo da história da cultura russa, começando na antiga Rus, a mãe comum dos três povos eslavônicos do Leste — russos, ucranianos e bielorrussos: o universalismo. Este muitas vezes assume uma forma distorcida, levando ou a depreciar tudo o que é nosso ou, por outro lado, ao nacionalismo extremo.

Por mais paradoxal que possa parecer, o sublime e radiante universalismo engendra sombras escuras e horríveis.

Resumindo, a questão de se a cultura russa pertence ao Oriente ou ao Ocidente é irrelevante. Essa cultura pertence a dúzias de povos tanto do Leste como do Oeste, e esse solo multinacional nutriu nossa cultura, em todos os seus detalhes idiossincráticos.

Não é por acaso que a Academia de Ciências Russa tem patrocinado estudos orientais e caucasianos. Em nosso país foram produzidos trabalhos por muitos orientologistas renomados, especialistas em Japão, Irã, China, Egito etc., tais como V.M. Alexeev, K.G. Zaleman, N.N. Poppe, F.I. Shcherbatskoi, S.F. Oldenburg, V.V. Radloff, A.N. Kononov, I.U. Krachkovsky, N.I. Konrad, D.V. Bubrikh e N.A. Marr.

Conheci muitos deles pessoalmente, via-os em Petersburgo e, menos freqüentemente, em Moscou. Agora, eles se foram, e não há ninguém de igual estatura. Mas foram eles, pessoas de cultura ocidental, representando a erudição russa, que fizeram essa extraordinária contribuição à investigação do Oriente.

Desse modo, a Rússia é tanto do Oriente como do Ocidente. Com o que ela contribuiu para eles? Como essa contribuição pode ser avaliada?

No caso de qualquer cultura nacional específica, devemos nos voltar em primeiro lugar para a literatura e a linguagem escrita.

Deixem-me oferecer uma analogia a vocês.

No mundo da natureza animada, o homem é o único ser vivente que pode falar e expressar seus pensamentos. Portanto espera-se do homem que defenda e que fale por todo o mundo animado do universo.

Do mesmo modo, em qualquer cultura, que por pressuposto abarca todos os tipos de atividade criativa "silenciosa", é a literatura, ou a linguagem escrita, que transmite de forma mais completa os ideais nacionais da cultura. Gostaria de enfatizar a palavra "ideais", que evoca os melhores e mais representativos aspectos de uma cultura. A literatura fala pelo todo de uma cultura nacional, assim como o homem o faz pela natureza animada. Permitam-me portanto que eu passe agora à literatura.

A literatura russa começou perseguindo metas elevadas. A primeira obra literária, a compilação intitulada *Discurso de um filósofo*, tratava da história do mundo e da posição que a Rus ocupava nela. Esse trabalho, com seu propósito de predizer o futuro, tornou-se a base para as crônicas russas. A segunda obra famosa da literatura russa, *O sermão da lei e da graça*, também se preocupava com o futuro da Rus e da Rússia.

Meditar sobre o futuro é um tema típico e vital da literatura russa.



Um dos aspectos mais surpreendentes da cultura russa é o de considerar o presente como não existente. A literatura russa é orientada para o futuro, para a reconstrução futura, ou para o passado, para o velho. É muito interessante que Tchekov em "A Estepe" tenha dito na primeira pessoa, sua

própria voz: "Um russo gosta de recordar, mas não de viver". A orientação do russo é de que o presente não existe. Com muita freqüência ele volta a sua atenção para longe do presente. No verdadeiro russo, o presente existe — só existe — de forma muito condensada. O russo pondera o futuro e o passado, e para ele o passado está sempre direcionado para o futuro. Por exemplo, as crônicas e anais da antiga Rus serviam de expressões de sonhos do futuro e de críticas ao presente e seu desgosto. É interessante que tanto na literatura como na vida o russo realmente adore pregar e predizer o futuro enquanto simultaneamente usa o passado para negar o presente. Mesmo hoje, isso ainda é verdade. Não foi apenas Tchekov que percebeu isso; Dostoievski também notou que a Rússia estava em um estado de reconstrução contínua (eu quase disse perestroika). Herzen falou a mesma coisa. Ele disse que na Rússia o som da serra e do machado estava sempre no ar. A construção prossegue sem parar. Não é só na literatura que a voz da insatisfação com o presente é uma constante. Há razões para isso, naturalmente. Veja-se por exemplo o século XVI, quando a escrita de cunho propagandístico desenvolveu-se com força. Não houve época na totalidade da história russa em que o povo tivesse razões para estar contente com a sua existência. Tomem o período feudal, quando os príncipes lutavam entre si: não foi um período produtivo. E as obras mais importantes da literatura russa daquele tempo, como por exemplo *O canto das hostes de Ígor*, por exemplo, criticavam fortemente aqueles príncipes russos. Mesmo no período da invasão tártaro-mongol, a maior parte da crítica era voltada para o próprio país, contra os príncipes que fracassaram em defender as terras russas.

O período seguinte, o século XVII — o período de Catarina II e Nicolau I — foi uma época de sublevações. Do princípio ao fim dessa era, tudo que era ruim no mundo era enviado em direção ao futuro, a partir de exemplos do passado. Além disso, a literatura russa foi uma das primeiras a prestar um triste testemunho da falta de liberdade pessoal. Nesta veia, há o conhecido conto do século XVII, "O conto da tristeza e da má sina", cujo protagonista é um homenzinho que peca bebendo e jogando cartas e vive uma vida miserável, despojado mesmo de suas próprias roupas. O autor do conto simpatiza com esse personagem porque ele é um ser humano. Esta obra de gênio prefigura tanto Gogol quanto Dostoievski. Eu chegaria mesmo a dizer que "O conto da tristeza e da má sina" é um manifesto em favor das rebeliões do século XVII.

A indagação moral domina a literatura russa, de tal forma que ela também se caracteriza por uma concomitante ausência de qualquer pesquisa de formas. Tanto na antiga como na moderna literatura russa, as novas formas surgem a partir de um repúdio do velho. Os autores preferem a simplicidade e a verdade. Isso é característico de Tolstoi, Leskov, e, até um certo ponto, de Dostoievski. Essa contenda com as formas é também típica da antiga literatura russa. É travada em nome das idéias, na forma de sermões. A maioria dos grandes poetas russos é constituída de profetas. Pushkin, Lermontov, Blok, Vladímir Soloviev; todos foram profetas. É na literatura russa, especialmente na poesia, que a filosofia russa realmente desempenha o seu papel.

A ligação entre filosofia, teologia e produção estética é vital para a cultura russa. É muito singular que a Rússia tenha aceitado o cristianismo de Bizâncio por causa da sua beleza. Vladímir acreditou nos embaixadores que ele tinha enviado ao exterior quando estes lhe contaram que, durante um serviço religioso na Hagia Sophia em Constantinopla, não sabiam dizer se estavam no céu ou na terra. A beleza era a verdade tornada manifesta. Isso é extremamente característico da filosofia e da teologia russa. E, até um certo ponto, é também um determinante da natureza da cultura russa.

Em contraste com o Ocidente, na cultura russa os princípios lógicos significam menos que os emocionais. A cultura russa não só se atrasou nas artes, mas realmente ficou para trás em ciência e teologia. Diferentemente do Ocidente, a Rússia não tinha universidades. E quando as escolas secundárias começaram a aparecer no século XVII, Pedro o Grande as fechou. Um pequeno estrato de gente educada veio a se colocar em evidência, porém viu-se confrontado com reações firmemente negativas por parte do povo. Isso levou a cultura russa a um grande declínio. Houve também razões externas: a emigração de muitos membros da *intelligentsia*, repressões, fomes que assolaram a Rússia, e especialmente Petersburgo, durante o bloqueio. O que precisamos agora mais do que tudo é de cultura e educação. Eu tenho me sentido muitas vezes compelido a repetir esse pensamento, porque as leis econômicas não podem funcionar em um país onde as leis morais são inoperantes. Em contraste com as leis da natureza, que funcionam por si próprias, as leis relacionadas à sociedade humana só funcionam quando as pessoas mantêm um alto nível moral.

E portanto, o que eu solicito agora é a criação de uma universidade pan-européia, na qual haveria faculdades nacionais onde as pessoas pudessem se relacionar umas com as outras e assim aprender tolerância. Isso elevaria o nível geral da cultura na Europa. (A propósito, eu certamente incluiria aqui os Estados-Unidos, que fazem parte da cultura européia.) Acredito que uma universidade pan-européia se transformaria eventualmente em uma universidade mundial, para toda a humanidade. Essa é a minha proposta, e creio que o que a faz imperativa é a impossibilidade de elevar a cultura de um país isoladamente da de outros. Hoje em dia a condição da cultura em todos os países, e não só na União Soviética, é motivo de preocupação.



DEBATE

Qual é o papel da religião na cultura e na sua universidade?

Infelizmente, eu não ensino mais na universidade, e portanto não conheço a situação lá. Só sei que a religião é uma forma importante de cultura, e que sem religião uma cultura não pode se desenvolver, e nem

tampouco a moralidade, a ética e nem mesmo a economia. Isso agora se tornou absolutamente claro.

O senhor fez uma distinção entre os valores máximos de uma civilização, os valores culturais e espirituais, e alguns dos seus valores mais baixos — a política, a economia e o poder. Isso não cria um paradoxo atualmente, quando temos todos esses movimentos para criar sociedades a partir de uma posição moral questionável? Essa oposição está profundamente elaborada na mente do povo russo.

Obrigado por sua pergunta interessante. O fato é que o mal é sempre mais notável do que o bem. É mais fácil localizar a pseudocultura do que a genuína. A pseudocultura que agora está sendo jorrada nas ruas aglutina-se em sociedades da ordem do Pamyat. Se você examinar as pinturas dos ícones russos, especialmente as representações do julgamento de Cristo, vai ver os demônios conferenciando eternamente entre si e formando partidos. O bem é menos perceptível, mas seu impacto é maior. Durante as eleições municipais do ano passado, temíamos muito que partidos demagógicos como o Pamyat ganhassem cadeiras no Conselho Municipal. Mas como mostraram os acontecimentos, eles não conseguiram sequer um assento. Por pura sorte, uns poucos receberam cadeiras no Soviet Supremo da RSFSR. Isso atesta o fato de que a maioria está do lado do bem, embora em sua manifestação o mal seja mais barulhento.

Minha resposta o satisfaz? Posso acrescentar mais.

Gostaria de apontar um outro fato muito importante. Os periódicos e jornais desses movimentos nacionalistas marginais têm muito poucos assinantes. Muitos o fazem apenas por curiosidade, apenas para se informar do que está sendo escrito, e não porque partilhem aquelas opiniões.

Pelo que eu sei dos estudantes da escola secundária, alguns jovens muito interessantes estão surgindo. Na escola junto ao prédio onde moro, há jovens maravilhosos. Eles às vezes dão uma passada para me desejar votos de felicidade nos feriados. Estão envolvidos com coisas sérias — aproveitamento acadêmico, estudos regionais, estudos da área local, e assim por diante. O infortúnio é que hoje muitas das pessoas que entraram na política não têm treino algum para isso. Política é um assunto profissional.

Recentemente, foram realizadas conferências sobre literatura russa antiga em Iaroslavl e Leningrado. Fiquei simplesmente admirado, porque nem um só dos oradores sequer tocou em política. Era pesquisa séria e erudita. Além do que, as apresentações em Iaroslavl foram melhores do que as de Leningrado, o que é muito interessante. Lado a lado com todos os jornais sobre temas políticos, está surgindo todo o tipo de bibliografias *samizdat* de historiadores locais de Iaroslavl. É incrível, mas esses panfletos delgados que reconstituem o destino de um ou de outro historiador local, preso e há muito esquecido, estão despertando um interesse colossal. As pessoas já estão cansadas de política demagógica. Esses trabalhos sobre história da Rússia antiga são de leitura muito séria e difícil. Venderam instantaneamente. Isso me dá a esperança de que a cultura triunfará.

A cultura deve ficar fora da política?

Até um certo ponto. Quando a política não é conduzida com profissionalismo, se torna extraordinariamente perigosa, e é uma inimiga da cultura. Isso diz respeito ao povo semiculto, semi-educado.

O senhor usou a palavra "mal". Como o senhor compreende esse termo na Rússia contemporânea?

Acho que o significado do bem e do mal é eterno e imutável, mas em épocas diferentes toma formas diferentes. Neste momento o principal problema é o do extraordinário crescimento da agressividade, e não apenas no nosso país, na minha opinião. Essa agressividade fica especialmente evidente na ascensão do nacionalismo, tanto em povos grandes como em pequenos. Além do mais, os pequenos povos estão começando a oprimir povos ainda menores que vivem sob sua jurisdição.

Enquanto um russo que vive mais no passado e no futuro do que no presente, como o senhor imagina o futuro da cultura russa?

Embora eu seja um russo e viva no futuro, não posso atribuir a mim mesmo o papel de oráculo. Estas são apenas minhas ruminções não profissionais. Em primeiro lugar, acho que caminharemos na direção do bem, e não do mal. E o bem crescerá, mas não tão já. Há uma estrada muito longa à nossa frente. Acho que vai emergir uma nova cultura russa que não se parecerá com a velha. Ela se fundamentará nas melhores tradições da cultura e da literatura russas, mas não será um renascimento da cultura russa do século XIX que prezamos e amamos. Será algo completamente novo. O homem do século XVII podia antever o que o século XVIII iria trazer? Penso que não. Acho que é muito difícil predizer o que vai acontecer no século XXI. Mas em qualquer caso, não será o século XX, cruel e rodeado de ferro. O que é necessário é que as humanidades ocupem uma parte maior da nossa cultura do que a que têm hoje. É por isso que eu penso que a universidade pan-européia que propus deve devotar-se principalmente às humanidades. Essa cultura de humanidades levará ao desaparecimento do nacionalismo, embora não das nações.

Como o senhor entende o crescimento desses valores positivos espirituais e intelectuais? É algo que sempre esteve aí, mas só agora teve chance de aparecer, ou é o resultado dos eventos e mudanças dos últimos anos?

Acho que é tanto uma coisa quanto a outra. Por um lado, foi a emergência dos sentimentos que sempre estiveram dentro do povo russo, mas que tinham sido suprimidos, porque bastava apenas você fazer o sinal da cruz para ser despedido do emprego. Uma vez eu presenciei uma cena assim. Minha vizinha, ao sair para o trabalho, costumava abrir um armário onde havia um ícone, dizer uma prece e depois fechá-lo e trancá-lo. Mas agora ela tem a oportunidade de ir à igreja livremente. As igrejas estão lotando não apenas porque está na moda, embora eu ache que não há nada de errado nisso — muitos empreendimentos sérios começam simplesmente

por causa de uma moda —, mas porque as pessoas que sempre rezaram agora fazem isso abertamente.

Quando a economia vai melhorar?

Ah, eu não sou economista! Mas acho que vai melhorar e levar o país de volta a uma existência normal.

Palavras-chave:

Rússia; nacionalismo; história nacional; cultura; universalismo.

Keywords:

Russia; nationalism; national history; culture; universalism.

Dmítri Sergeyevitch Likhachev é historiador da literatura e da cultura russa, tendo lecionado na Universidade de Leningrado. Foi presidente do Fundo Cultural Soviético.

Novos Estudos

CEBRAP

Nº 33, julho 1992

pp.31-41
